



## PARA D. IZABEL MENDES DA CUNHA\*

Sônia Missagia Mattos\*\*

**Resumo** – Este artigo é dedicado à memória da mestra ceramista D. Izabel Mendes da Cunha (1924–2014), do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Ele resulta de uma conferência que realizei no II Colóquio Mulheres, Feminismo, Artesanato e Arte Popular, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unissinos), em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Procurei delinear aqui conexões que são centrais entre a arte do barro e a vida coletiva do Vale. Para tal, primeiro situei o local da pesquisa, trazendo aspectos de sua peculiar formação histórica que propiciou a emergência e desenvolvimento de diversificados saberes e fazeres, colocando em realce os objetos de cerâmica. Em seguida, focalizando em um dos fortes atributos da personalidade da mestra D. Izabel, a generosidade, trouxe algumas memórias de sua trajetória de vida.

**Palavras-chave:** Izabel Mendes da Cunha. Arte do barro. Vale do Jequitinhonha. Memórias. Mãos.

Olha para estas mãos de mulher roceira,  
esforçadas mãos cavouqueiras  
(CORALINA, 1976, p. 62–63).

## INTRODUÇÃO

Este texto resulta de uma conferência que realizei na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unissinos), no II Colóquio Mulheres, Feminismo, Artesanato e Arte Popular, em junho de 2015, e foi escrito em homenagem à D. Izabel Mendes da Cunha, mestra ceramista do Vale do Jequitinhonha, nordeste do estado de Minas Gerais.

Minha entrada nesse amplo universo, meu primeiro encontro de muitos outros com D. Izabel e com ceramistas dessa região, ocorreu por ocasião de pesquisas para minha tese de doutoramento, no ano de 1997. Foi buscando conhecimentos acadêmicos sobre a arte do barro que tive a oportunidade de iniciar contatos com pessoas que tão generosamente me

---

\* Todas as fotos e depoimentos contidos nesse trabalho foram tomados pela autora e estão sendo publicados com a devida autorização das pessoas envolvidas. Uma análise parcial deste mesmo objeto foi publicada na revista *Habitus*, da Pontifícia Universidade Católica da Goiás (PUC-Goiás).

\*\* Pós-doutora em Antropologia Urbana pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora associada do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: smissagia@gmail.com

acolheram e me introduziram naquele imenso e múltiplo "país" que é o Vale do Jequitinhonha. Destaco, entre elas, a D. Izabel Mendes da Cunha<sup>1</sup>.



**Figura 1** Mão de D. Izabel trabalhando o barro, agosto de 2004

Esse foi, para mim, o início de um processo ímpar de aprendizado, tanto intelectual quanto pessoal, pois exigiu que meu olhar retroagisse e iniciasse um processo de revisão de certezas e conceitos aprendidos e cristalizados. Nesse reaprender, comecei a perceber as riquezas do Vale do Jequitinhonha, um lugar conhecido por muitos com o injustificado nome de "vale da miséria". Com a mente mais apta a repensar, pude olhar os trabalhos produzidos pela arte do barro, não como uma mera repetição da tradição, e sim como uma arte cujos fundamentos, formados coletivamente, são tão amplos e profundos quanto a existência social, mas que nas mãos sábias dos mestres é sempre recriada.

Neste artigo, procuro delinear conexões centrais entre a arte do barro e a vida coletiva do Vale. Para tal, primeiro situo, de forma sucinta, o local da pesquisa, trazendo traços de sua peculiar formação histórica que propiciaram a emergência e o desenvolvimento de um variado e rico artesanato do qual coloco em realce os objetos de cerâmica. Em seguida, focalizando em um dos fortes atributos da personalidade da mestra D. Izabel, sua generosidade, trago algumas memórias da trajetória de sua vida tanto contadas por ela quanto ouvidas por intermédio de pessoas que viveram próximas a ela.

---

1 - Passaram-se 16 anos, mas desde então tenho mantido constante diálogo com Glória Pereira de Andrade, filha de D. Izabel, com quem discuti muitos dos pontos aqui abordados e a quem muito sou grata.

## SITUANDO A ARTE DO BARRO DO VALE DO JEQUITINHONHA

### O Vale do Jequitinhonha



**Figura 2** Mapa da região do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Fonte: Vale do Jequitinhonha (2016).

O Vale do Jequitinhonha, banhado pelo Rio Jequitinhonha, está situado no nordeste do estado de Minas Gerais e no extremo sul da Bahia. Sua área em território mineiro está dividida em três macrorregiões: Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha. Segundo Souza (2011), de forma aproximada, a região do Vale do Jequitinhonha cobre uma área de 85 mil quilômetros quadrados e congrega uma população em torno de um milhão de pessoas. Nela, podem ser identificados 80 municípios, agrupados em sete microrregiões geográficas: Almenara, Araçuaí, Capelinha, Diamantina, Grão Mogol, Pedra Azul e Salinas (SOUZA, 2011).

Há registros de que o Vale do Jequitinhonha, antes habitado por várias tribos indígenas<sup>2</sup>, começou a ser colonizado ainda no século XVI. Embora essas primeiras expedições não tenham deixado indícios de base de ocupação do território, revelaram alguns conhecimentos preliminares da região e lendas sobre riquezas a serem exploradas (SOARES, 1992). Nos séculos seguintes, essa região foi ocupada por três frentes distintas: a baiana, dirigindo-se para o sertão e originando a expansão das fazendas de gado; a paulista, que penetrou nas regiões das minas; e a militar, com a instalação de postos militares. As primeiras cidades do Vale foram formadas no Alto Jequitinhonha, com a consolidação das atividades mineradoras no início do século XVIII (Serro, Minas Novas e Distrito Diamantino).

No decorrer do século XVIII, a criação de gado e as lavouras se expandiram em direção ao nordeste do estado, alcançando a região do atual município de Pedra Azul, no Médio

2 - Entre elas: maxacalis, macunis, nakerenes, tupinikins e várias de origem Ge, genericamente denominadas botocudos.

Jequitinhonha. Foi, ainda, na segunda metade do século XVIII, que a região de confluência dos rios Araçuaí e Jequitinhonha foi partilhada em sesmarias. Com a diminuição da extração fácil de ouro e de pedras preciosas, já no final do século XVIII, a agricultura, particularmente a do algodão, passou a ocupar lugar de destaque na economia do Vale. Tendo o seu cultivo iniciado nas proximidades de Minas Novas, a então lucrativa cultura do algodão foi estendida até a atual cidade de Jequitinhonha.

O Médio Jequitinhonha foi povoado com a instalação de quartéis, visando fiscalizar o contrabando de pedras e metais preciosos, assim como "civilizar" os indígenas que, com a ocupação de suas terras, foram forçados a migrar. Quando as minas se esgotaram, um grande contingente de migrantes (garimpeiros, escravos africanos, mestiços) desceu do Alto Jequitinhonha em direção ao litoral, uma vez que onde estavam era difícil viver de roças, ter rebanhos e animais. Nessa época, o único caminho usado era o rio, e, por isso, suas margens foram as primeiras a serem ocupadas. Esse grande contingente de migrantes passou a se fixar em torno dos quartéis, vivendo de pequenas atividades, como o comércio de peles de animais e a coleta de poaia e de plantas medicinais. Misturando-se com os índios, tanto com os já aldeados quanto com os que haviam perdido seus territórios, passaram a se defender do inimigo comum (SOARES, 1992; MATTOS, 2001).

Ao longo de vários anos, constituiu-se ali um grupo de pequenos produtores responsáveis pela produção agrícola. Seus membros estabeleciam com as fazendas existentes um conjunto de relações de produção e de acesso à terra. Como estratégia de complementação de renda, os pequenos sítiantes costumavam empregar-se nas fazendas como "camaradas" e recebiam por diárias ou empreitadas. Havia também os "trabalhadores independentes" organizados em unidades domésticas de produção com suas roças dedicadas à policultura. Esses trabalhadores cultivavam a terra diretamente, com o auxílio da família e, vez por outra, com o auxílio de camarada pago, no sistema de dia trocado (AMARAL, 1988).

Para esses pequenos produtores rurais, a unidade econômica básica é a família, inserida em um grupo de vizinhança de ajuda mútua, na qual ainda pesam os laços de parentesco e compadrio, tais como aqueles descritos por Antonio Candido (1982), em *Os parceiros do Rio Bonito*.

Nesse espaço de liberdade, de produção agrícola autônoma dos pequenos sítiantes, onde residiam como proprietários ou posseiros, praticando a policultura baseada no trabalho familiar (sem assalariados), surge e se consolida uma grande riqueza que diferencia culturalmente o Vale: a capacidade criativa expressa na poesia, nas músicas, nas histórias, e que materializa-se em uma variada produção artesanal.

## A arte do barro

Desde o início, o artesanato desempenhou um importante papel no Vale do Jequitinhonha, propiciando a produção de utensílios caseiros e de instrumentos diversos para o emprego no cultivo da terra e no manejo do gado, além de vários objetos de adorno. Nessa região, o

artesanato abrange uma diversidade de manifestações, entre elas: a olaria, a tecelagem, o trançado com fibras vegetais, bordados em tecido, renda, objetos confeccionados em couro ou talhados em madeira.

A origem do artesanato feito de barro está ligada ao costume indígena de fabricar cerâmicas, utilizadas para armazenar, cozinhar e servir os alimentos. Alguns historiadores apontam nessa direção. Saint-Hilaire (1958), por exemplo, fala sobre os índios macunis, moradores da aldeia do Alto dos Bois, e afirma serem as mulheres de origem indígena as produtoras vasilhames. Segundo relato do citado historiador, os vasos que saíam das mãos das índias Macuni iam ao fogo e eram muito bem feitos. Saint-Hilaire (1958, p. 213) também comenta que, embora fossem de tamanhos variados, tanto os vasos elaborados pelas índias Macuni quanto aqueles elaborados pelas índias Malali tinham a mesma forma – a de uma esfera um pouco deprimida. Saint-Hilaire (1958) diz ainda que as mulheres dos botocudos do Jequitinhonha sabiam fabricar vasos semelhantes.

A atual habilidade dos artistas do barro, nesse ofício, é resultado de um trabalho de muitos anos que, na origem, está ligado à fabricação de objetos utilitários para o uso nas pequenas unidades de produção, como pratos, panelas, bulhões e canecas para uso quase exclusivo na cozinha, além das moringas e potes que serviam para guardar a água e caixas para armazenar grãos. Essas peças são ainda muito vendidas nas feiras regionais, mas a sua marca utilitária não elimina a nossa possibilidade de pensar a natureza estética dessas elaborações feitas por estes artistas no contínuo recriar da tradição. Tais peças, antes de se tornarem uma fonte de suporte econômico, já foram uma opção de entretenimento, de criação, realizadas cooperativamente nos momentos de folga do trabalho.

Para pensar essa produção como realizada cooperativamente, vejamos o que afirma Otávio Paz (1991, p. 52) ao falar sobre o artesanato de um modo geral:

[...] o artesanato é uma espécie de festa onde, através de rituais, a comunidade comunga consigo mesma. Se a festa é participação no tempo original, a coletividade reparte entre seus membros, como um pão sagrado, a data que se comemora, o artesanato é uma espécie de festa do objeto: transforma o utensílio em signo da participação.

Esses "signos da participação" estão ligados à dinâmica da vida social das comunidades das quais fazem parte os artistas que os produzem. Por isso, eles devem ser entendidos como muito mais que apenas representações ou descrições da vida social daquelas comunidades. Eles são um modo particular de o artista materializar a sua experiência de viver naquele local. Ou seja, esses objetos modelados pela arte do barro do Vale estão intimamente ligados às experiências do viver do artesão. Agarrados a eles estão as marcas nas mãos dos artistas, sinais de suas histórias, que são parte tanto das histórias tradicionais de suas comunidades quanto de histórias novas trazidas mediante seus encontros com elementos de outras realidades culturais e que passaram a ser significativos para eles. Em razão disso, o contato com

os artesãos e com suas comunidades é imprescindível para se alcançar algum entendimento sobre esses objetos.

Considerando que esses trabalhos são delineados a partir de uma experiência mais ampla, a experiência de viver a vida no Vale e de ver o mundo aos modos dos habitantes do Vale, mais do que peças decorativas ou ilustrativas do sistema cultural daquela região, eles são símbolos, documentos que buscam um lugar significativo entre tantos outros documentos existentes sobre o Vale. Foi por meio deles e das histórias de vida relatadas pelos artistas do barro que busquei estudar os domínios sociais pelos quais aqueles artistas lidam com o sistema de significado em geral, interagem com as possibilidades de mudanças e procuram acomodá-las no sistema de símbolos mais amplo de sua comunidade.

Pelos vários lugares do Vale que passei<sup>3</sup>, pude observar que há, em cada um deles, marcas específicas nas peças que elaboram, por vezes a textura, as expressões e a tonalidade das cores, apesar de o processo de confecção ser, basicamente, o mesmo. E, por todos esses lugares, ouvindo as histórias dos artesãos, notei que eles se iniciaram no ofício quando crianças, realizando atividades para distrair a si próprios e aos outros. Até hoje as crianças aprendem a modelar vendo os outros trabalhando, e é o incentivo da família e dos demais membros da comunidade que os motiva a um constante recriar de seus trabalhos.

#### D. IZABEL MENDES DA CUNHA

Ricos foram os depoimentos que coletei pelos muitos caminhos que passei no Vale. Muito ali aprendi. Para trazer um pouco desse aprendizado, passarei a focalizar a mestra D. Izabel, de Santana do Araçuaí, município de Ponto dos Volantes.



**Figura 3** Vista parcial de Santana do Araçuaí

---

3 - Entre eles: Santo Antônio do Carai, Santana do Araçuaí, Comercinho, Pasmado, Pasmadinho, Itinga, Araçuaí, Turmalina e Campo Alegre Minas Novas.

D. Izabel falava sobre o seu passado com emoção, sempre enfatizando o grande prazer que tinha em modelar no barro o que lhe vinha à imaginação. Na sabedoria de um longo caminhar pela vida, ela contava que havia nascido no dia 3 de agosto de 1924, em uma família muito pobre. Dizia que o povoado onde ela havia nascido, também muito pobre e isolado, chamava-se fazenda do Córrego Novo, e que, à época, pertencia ao município de Itinga. Por vezes, queixava-se de não ter mais conseguido localizar onde ficava o povoado porque "tudo havia mudado de rumo".

Seus pais eram trabalhadores rurais e tiveram 12 filhos. Eles costumavam deixar os filhos em casa sempre que iam vender nas feiras das cidades vizinhas algumas mercadorias produzidas na lavoura e também panelas, potes e bulhões. Sua mãe também trabalhava na lavoura, mas, quando se dedicava à elaboração das peças de barro, seu pai levava os filhos para a lavoura, para ajudar no trabalho:

Eu era mais pequena, mas já tinha uns sete, oito anos, e ficava para ajudar a mãe em casa. Eu era a olhadeira daqueles meninos de colo que mãe criava. Eu olhava os meninos para ela poder trabalhar. A gente não tinha brinquedos como tem hoje. Eu já tinha ouvido falar em boneca, mas nunca tive uma, nem sabia como era. Naquele tempo, na fazenda não existia. Pra brincar de boneca eu fazia elas de sabugo de milho. Meu pai plantava e colhia milho e debulhava para cuidar das criação. Aí eu pegava os sabugos, amarrava um pedacinho de pano na cintura dele, e tinha vez que amarrava até um pouco do cabelo do milho no sabugo. Para mim, aquela era minha boneca. Aí eu via minha mãe fazendo as peças de barro. Aí eu pensei. "Vou fazer uma bonequinha pra gente brincar". Eu fazia igual o João de Barro: ia colocando os bolinhos de barro até formar os brinquedo. Eu fazia pra mim e pros meus irmãos. Mas não era igual a essas que faço hoje, não<sup>4</sup>.

Como teve de trabalhar desde tenra idade, ora ajudando o pai na lavoura, ora ajudando a mãe em casa, ela não teve oportunidade de frequentar a escola. Com cerca de oito anos, como ela narrou, já fazia suas primeiras peças de barro, brinquedos para os irmãos e para si. D. Izabel contou ter sido sua mãe quem a incentivou a modelar e a usar o forno a lenha para queimar as peças:

Quando eu mudei aqui pra Santana "tava" com 24 anos. Pra ganhar a vida, eu fazia qualquer serviço que aparecesse. Eu carregava água do córrego para lavar as casas (a minha e as dos outros) e esfregava o chão com folhas de pita no lugar de sabão; tirava tabatinga para barrear as paredes das casas, deixando-as branquinhas; tirava lenha; trabalhava na roça; fazia sabão; fazia peneira; fazia balaio; fazia esteira. O que nunca deixei de fazer foram as

---

4 - Entrevista com D. Izabel Mendes. Santana do Araçuaí, 17 de março de 1997.

peças de barro que eu sabia fazer. Eu trabalhava que nem uma escrava, mas escrava de mim mesmo porque era muita precisão, mas eu me virava na precisão porque tinha a força que Deus me dava. Tem gente que fala que as muié é a parte fraca. Tem nada disso não. Fraco é quem não se aguenta, quem não tem coragem<sup>5</sup>.

O marido de D. Izabel era vaqueiro e ficou cego ainda bastante jovem. E ela teve de trabalhar muito para criar seus quatro filhos, Madalena, Amadeu, Glória e Rita.

Inicialmente, as peças de barro que ela fazia eram objetos utilitários (potes, panelas, filtros), objetos de adorno (boizinhos, cavalos, cavaleiros, pequenas bonecas, pássaros repousando nas árvores) ou objetos de devoção (os presépios). Depois começou a fazer potes com motivos diferentes e conta que ficava muito feliz quando as pessoas da comunidade os admiravam. Com um sotaque que é peculiar do Vale, D. Izabel dizia:

O povo tinha era um encanto, quando eu fazia, que tinha mês de leilão que eu fazia aquelas coisas mais bonitas, aqueles galinhos, presépio. Mas pouca gente comprava porque diziam que era muito caro, mas não era muito caro. Eu cobrava pelo trabalho que dava<sup>6</sup>.

Mas, apesar da admiração da comunidade, a venda das peças era muito difícil, e D. Izabel fala sobre as dificuldades e o grande esforço que demandava vender seu trabalho. Ela tinha de andar a pé, com uma cesta cheia de peças de barro na cabeça, os 12 quilômetros que separam Santana da Rio-Bahia para pegar uma carona que a levasse até à feira em Padre Paraíso. Na rodovia, tanto suas peças quanto os seus filhos menores atraíam a atenção dos motoristas que os transportavam até a feira. Sua filha Glória, muito emocionada, conta:

[...] eu me lembro até de uma promessa que mãe fez. Nós chegamos na Rio-Bahia e todos os caminhões já haviam passado. Mãe disse: "pede a Nossa Senhora da Ajuda pra mandar um carro e você põe um dinheiro no pé dela". Não passou nem um minutinho e parou um caminhão que nos levou para a feira. Ai nós chegamos lá e vendemos as peças e fizemos a feira. Esse ano nós cumprimos a promessa, mas desde esse dia até hoje, todos os sábados eu me lembro... Saiba, a nossa pobreza era tanta... Eu me lembro que um dia, antes de subirmos a serra para tentar vender as peças, mãe cozinhou o único alimento que tínhamos em casa, um ovo. Descascou, tirou uma tampinha e comeu e deu-me todo ele. Por muito tempo fiquei pensando que mãe não gostava de comer ovo cozido. Só muito tempo depois entendi o seu gesto<sup>7</sup>.

D. Izabel contou que as vendas começaram a melhorar depois de uma exposição que fez em Araçuaí, a convite da prefeitura daquele município. Ela levou suas peças para serem expostas e

---

5 - Entrevista com D. Izabel Mendes. Santana do Araçuaí, 3 de agosto de 2006.

6 - Entrevista com D. Izabel Mendes. Santana do Araçuaí, 17 de maio de 1997.

7 - Entrevista com Glória Pereira de Andrade. Santana, 3 de agosto de 1997.



passou dois dias lá. Conseguiu vender algumas delas. Preocupada com os filhos em casa, voltou para Santana, deixando em Araçuaí as demais peças que havia levado. Quando chegou na rodovia Rio-Bahia, na entrada de Santana, encontrou dois de seus filhos – Madalena e Amadeu – que, preocupados, já estavam indo procurá-la. Ela contou também que depois de alguns dias apareceu um senhor em Santana e entregou-lhe “um bolão de dinheiro. Eles venderam as peças tudo”. A partir de então, começou a diversificar e a intensificar a produção de suas peças passando a vendê-las, principalmente, para a Comissão de Desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha (Codevale)<sup>8</sup>, que regularmente comprava toda a produção.

Em 1978, por influência do mercado que se abria, ela começou a fazer peças de noivas, cavalheiros e mães amamentando crianças. Comparadas com as peças costumeiras que produzia, essas novas eram maiores, tinham cerca de um metro de altura, o que a tornou famosa em todo o país e no exterior. Ela conta que

[...] antes fazia bonecas, filtros grandes, jogos de xícara, jarra grande, muitos tipos de peça, presépios. Mas eles começaram a valorizar mais as bonecas grandes. Então passei mais a fazer essas outras e comeci a incentivar e a ensinar os filhos e os vizinhos<sup>9</sup>.



Figura 4 D. Izabel Mendes da Cunha, agosto de 2006

---

8 - A Codevale foi uma autarquia criada durante o período militar, dotada de personalidade jurídica própria. Vinculada ao Sistema Estadual de Planejamento do Estado de Minas Gerais, foi organizada nos termos da Lei Constitucional n. 12, de 6 de outubro de 1964, e da Lei n. 3.764, de 12 de fevereiro de 1966. Fazendo parte de estratégias políticas desenvolvimentistas para integrar a economia brasileira nas correntes mais fortes do sistema capitalista ocidental, teve por objetivo elaborar, coordenar e executar estratégias econômicas para inserir o Vale no mesmo processo. Com relação ao artesanato, concentrado na camada da população economicamente menos privilegiada, objetivava identificar os produtos da cultura popular que pudessem ser comercializados (cf. MATTOS, 2001, capítulo 3).

9 - Entrevista com D. Izabel Mendes. Santana do Araçuaí, 17 de março de 1997.

Elegi a mestra ceramista D. Izabel como homenageada neste artigo não apenas pelos fatos de inegável importância que fazem parte de sua trajetória de vida, como o trabalho constante de pesquisa que ela realizou com materiais encontrados na natureza e que lhe permitiu, mesmo estando aparentemente desligada do mundo tecnológico, encontrar na tensão entre tradição e inovação um ajuste que energizou a cerâmica do Jequitinhonha trazendo mais beleza e sofisticação às peças; a conquista do primeiro lugar no "Premio Unesco de Artesania para America Latina y el Caribe", em 2004, na cidade de Salvador (BA), ao qual concorreram 17 artistas; a homenagem que recebeu em Brasília em 6 de novembro de 2005, quando lhe foi outorgado, pelo Decreto de 3 de novembro de 2005, assinado pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, o diploma de sua admissão na Ordem do Mérito Cultural na Classe de Cavaleiro, por suas relevantes contribuições para a cultura brasileira; e pela homenagem que recebeu da presidenta Dilma Rousseff durante a abertura da exposição "Mulheres artistas e brasileiras" no Palácio do Planalto, em Brasília, no ano de 2011, mas também por conta de uma das marcas fundamentais de sua personalidade: a generosidade. A sua admirável sensibilidade humana lhe possibilitou trazer vida para grande parte da comunidade de Santana do Araçuaí, introduzindo, de modo gratuito, muitas pessoas, economicamente "fracas"<sup>10</sup>, como dizem, na arte do barro.

O desprendimento sempre foi uma característica muito especial de D. Izabel. Ela tinha prazer em ensinar tudo o que sabia. "Eu fiquei ensinando pros outros. Eu ensinava pra um, pra outro... Até hoje em dia. E cada um vai fazendo no seu modo. Melhorou a situação de tantas pessoas que não sabia o que fazer"<sup>11</sup>.

Em torno da mestra D. Izabel, foi formada uma escola onde não apenas o grupo familiar aprendeu a trabalhar, mas também muitos vizinhos. Os artistas, tanto os de sua família imediata quanto os da comunidade, têm seguido o seu trabalho e, como ela própria dizia, "cada um vai fazendo no seu modo". Assim, ligados à tradição, mas produzindo uma grande variedade de inovações nas peças que elaboram, artistas do barro de Santana do Araçuaí têm conseguido retirar do artesanato certo patamar de suficiência econômica. Mediante atitudes generosas, a mestra proporcionou-lhes um renascer. É comum ouvir em Santana depoimentos como o da ceramista Teca (Maurina). Vejamos.

D. Izabel, para mim, é mais que uma mãe. Foi ela quem me ensinou a trabalhar. Se hoje tenho uma casa para morar é a ela a quem agradeço. Ela me ensinou a trabalhar e assim pude ganhar dinheiro e comprar minha casa<sup>12</sup>.

---

10 - A palavra "fraco" é utilizada no Vale para dizer de pessoas economicamente vulnerável.

11 - Entrevista com D. Izabel Mendes. Santana, 17 de março de 1997.

12 - Entrevista com Maurina, em 2007.



**Figura 5** Zenilda levando peças para a loja da Associação, agosto de 2006

Vejamos também o que nos relata Ana Ribeiro, outra de suas ex-alunas:

Eu sempre ia visitar D. Izabel, mas de barro, o que eu fazia eram essas pecinhas mais comuns: canecas, pratos, jarras, moringas... Um dia ela me disse: "Minha filha, você leva jeito. Porque não faz as bonecas? Elas dão um dinheirinho bom. Eu te ensino". Aí eu comecei a ir para lá para ela me ensinar. Com a ajuda dela, fui aprendendo a fazer a cabeça até que consegui fazer sozinha. Sempre que chegava gente na casa dela, ela mandava vir também aqui na minha, para ver minhas peças. Era através dela que o pessoal comprava na minha mão. Às vezes ela me falava: "Veio gente comprar aqui e eu falei para olhar suas peças na associação". Aí eu ia ver e alguns tinham comprado. Eu fiquei muito grata a ela por ter me ensinado com aquela paciência, com aquele carinho. Eu fiquei muito grata e fiquei focada nela. Quando estou trabalhando parece que a mão dela tá junto com a minha<sup>13</sup>.



**Figura 6** Esculturas de Ana Ribeiro – Noiva e grávida<sup>14</sup>

13 - Entrevista com Ana Ribeiro, em 2015.

14 - Essa fotografia mostra duas esculturas feitas por uma aluna da escola de D. Izabel. Há vários outros alunos, tanto pertencentes ao círculo familiar da mestra (Madalena, Amadeu, Mercina, Andrea, Glória), quanto não ligados à mestra por laços de parentesco (entre eles: João Vitor, Ana, Dejanira, Zenilda, Maurina).

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

D. Izabel se fez reconhecida e respeitada como ceramista e sua influência foi definitiva para o desenvolvimento da arte do barro em Santana do Araçuaí. Vamos ver um pouco da memória que foi construída a partir do cotidiano que ela viveu ao longo de sua vida (BOSI, 2003) e tentar entrar um pouco na arte do barro do Jequitinhonha. Vamos ler o que ela nos diz mesmo sabendo que no mundo da arte do barro não se entra de imediato.

Quando eu começo a trabalhar, eu já comecei a pensar a peça. E vou desenvolvendo, mas já vejo. Se estou querendo fazer as feição de mulher ou de homem já vou fazendo parecendo. É o que a gente tá pensando de fazer que acaba fazendo. Vai fazendo parecer se é feição de homem ou feição de mulher. É uma coisa que a gente num sabe nem falar. É o pensar da gente que tá ali aparecendo. A mão é a forma do que vem no pensamento. A gente num sabe nem falar em como o pensamento vem e nem como as mãos obedecem<sup>15</sup>.



**Figura 7** "A mão é a forma do que vem ao pensamento"

D. Izabel está falando sobre como é impossível nominar o que é inominável: o ato da criação: "A mão é a forma do que vem no pensamento". Bachelard (1986, p. 53) nos ajuda a compreender parte do processo quando diz que o artista, exercendo sua arte "sobre uma matéria amorfa, submete essa matéria a certas restrições: ele a despedaça e a modela, impondo-lhe limites". Mas o barro reage penetrando também nas mãos e no coração do ceramista, fazendo renascer nele a consciência da mão do trabalho, que, segundo Bachelard (1986), desperta em nós o ser ativo, pois toda mão é consciência de ação. Tal como diz

---

15 - Entrevista com D. Izabel Mendes da Cunha, realizada por ocasião de seu aniversário em Santana do Araçuaí.

Lévi-Strauss (1986, p. 29), o trabalho do ceramista "consiste, justamente, em impor uma forma a uma matéria que anteriormente não tinha nenhuma".

As peças de cerâmica do Vale do Jequitinhonha, onde não se faz uso do torno e nem da forma, como diz D. Izabel, têm por molde as mãos do ceramista. As mãos de mestras como as de D. Izabel não estão tolhidas por regras e padrões técnicos, por isso despertam a criatividade ficando livres para realizar trabalhos com equilíbrio, colocando vibrações diferentes no tradicionalmente elaborado. Com isso, caminham em uma trilha construtiva, ou seja, sempre inovam seus trabalhos, mas mantêm suas vertentes ligadas ao local.



**Figura 8** As mãos de D. Izabel Mendes da Cunha trabalhando o barro, agosto de 2004

No dizer de Bachelard (1986) são mãos felizes. Mãos felizes porque criadoras de vida. Essas "mãos felizes", "mãos moldes" no dizer de D. Izabel, têm uma trajetória descrita por Cora Coralina (1976, p. 62-63), a quem peço a contribuição para conseguir finalizar.

Olhe para essas mãos. Mãos de mulher roceira, esforçadas mãos cavouqueiras. Pesadas, de falanges curtas, sem trato e sem carinho. Ossudas e grosseiras. Mãos que jamais calçaram luvas. [...] Mãos que varreram e cozinham. Lavaram e estenderam roupas nos varais. Pouparam e remendaram. Mãos domésticas e remendonas. Íntimas da economia, do arroz e do feijão da sua casa. Do tacho de cobre. Da panela de barro. Da acha de lenha. Da cinza da fornalha. Que encestavam o velho barreleiro e faziam sabão. [...] Mãos laboriosas. Abertas sempre para dar, ajudar, unir e abençoar. Mãos de semeador... Afeitas à sementeira do trabalho [...] Semeando sempre. Jamais para elas os júbilos da colheita. Mãos tenazes e obtusas, feridas na remoção de pedras e tropeços, quebrando as arestas da vida. Mãos alavancas na escava de construções inconclusas. Mãos pequenas e curtas de mulher [...].

## To Mrs Izabel Mendes da Cunha

**Abstract** – This article is dedicated to Mrs. Izabel Mendes da Cunha's memory (1924–2014) – master potter of Jequitinhonha's Valley, MG. It results from a lecture I gave at the II Colloquium on Women, Feminism, Crafts and Folk Art (Unissinos, Porto Alegre, RS). I tried to outline here some key connections between clay art and the collective life of Jequitinhonha's Valley. So, first I situated the research site and brought aspects of its peculiar historical background that led to the emergence and development of diversified knowledges and practices, always putting emphasis on the pottery. Then, focusing on one of the strongest attributes of master D. Izabel's personality, generosity, I brought some memories of her life story.

**Keywords:** Izabel Mendes da Cunha. Clay art. Jequitinhonha's Valley. Memories. Hands.

### REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. *Do Jequitinhonha aos canaviais: em busca do paraíso mineiro*. 1988. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Cultura)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1988.
- BACHELARD, G. *O direito de sonhar*. São Paulo: Difel, 1986.
- BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.
- CORALINA, C. Essas mãos. In: CORALINA, C. *Meu livro de cordel*. 9. ed. São Paulo: Global, 1976.
- LÉVI-STRAUSS, C. *A oleira ciumenta*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MATTOS, S. M. *Artefatos de gênero na arte do barro*. Vitória: Edufes, 2001.
- PAZ, O. *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem às Províncias de Minas Gerais e Espírito Santo*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1958.
- SOARES, G. *Os Borum do Watu: os índios do Rio Doce*. Belo Horizonte: Cedefes, 1992.
- SOUZA, J. V. A. de. Introdução. In: SOUZA, J. V. A. de; NOGUEIRA, M. das D. P. (Org.). *Vale do Jequitinhonha: desenvolvimento e sustentabilidade*. Belo Horizonte: UFMG/Proex, 2011.
- VALE DO JEQUITINHONHA. *Portal Polo Jequitinhonha*. Disponível em: <<https://www2.ufmg.br/polojequitinhonha/O-Vale/Sobre-o-Vale>> Acesso em: 26 jan. 2016.

Recebido em fevereiro de 2016.

Aprovado em fevereiro de 2016.